

SÍSIFO FRAGMENTADO

Felipe Leite

Que não, que não, que não, que nunca entenderei esse negócio de morte, ele disse. Se, no fim, todo mundo morre, qual é a necessidade de viver?, esse cansaço todo, esse desgaste imenso, o vazio, esse vazio não deveria ser evitado? Na mesa, silêncio. Olhares constrangidos, enviesados. Troca de olhares. Inequívoco concordar plasmado ao unânime emudecer. Alguém, porque há muito, arrota – como que para reverter a dinâmica da quietude. Mas o silêncio, esse permanece, permanecem, também, as pessoas, naquela mesa de bar, pensativas, anuladas. A angústia se denunciando até no rosto da criança – que tenta dormir no colo do pai. Decidem pedir outra rodada de cerveja e, sem vontade, bebem. Muitos querem ir para suas casas. A conversa, aos poucos, é retomada, agora com cuidado. E medo. Nada de profundidades, pensam, por terem na superfície o mais fácil. E eles não tencionam compreender o difícil. Mas ele, ele sim. Porque acredita que é discutindo a morte que se chega ao controle da própria vida. Porque o raso sempre lhe foi tão pouco. Morrer deve ser lindo, ele supõe - quase inaudível. O *cala-a-boca* que se segue vem monotônico. Alguns se levantam e vão, sem participar da divisão da conta. A criança chora, assustada. A mãe grita que ele enfie seus pensamentos no cu, de onde não precisavam ter saído. A criança chora. A proximidade entre os dois, ele e ela, se revela na gênese do afago. Ele esfrega as pontas comidas de seus dedos na franja rala e escura. O pai arrasta a filha para longe, mas os olhos da menina continuam grudados nele, que, já se fazendo confuso borrão na calçada imunda, lhe berra: pensar a morte, a pedra que se empurra para cima e, perto do ponto que se deseja atingir, rola até o lugar de onde se veio. A mãe para e suspira. Algo nela se rompeu. Ela sentiu aquele impacto. Mas ela não assume, ela aperta o braço da menina e impõe: é

mentira. Suas mãos estão suadas. A menina se volta para ele e pisca. Agora, ela conhece o drama da condição humana.

Felipe Augusto Silva Leite possui dezenove anos, é ilheense e reside atualmente em Arembepe (Bahia). Cursa Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia.